

PDS gaúcho, contra Maluf, divide-se entre Collor e Brizola

por Waldoar Teixeira
de Porto Alegre

O diretório do PDS no Rio Grande do Sul se reúne na próxima segunda-feira para estudar o que fazer diante da escolha do nome de Paulo Maluf como candidato à Presidência da República, fato que lançou o partido no estado numa situação muito confusa. Líderes pedessistas gaúchos adiantavam na quarta-feira que é praticamente certo o surgimento de uma dissidência de apoio ao candidato de outro partido nas eleições presidenciais de novembro.

O presidente do PDS gaúcho, Romeo Ramos, de retorno de uma viagem de vários dias pelo interior do estado, mostrava-se surpreso com a tendência francamente favorável que constatou em favor da candidatura de Fernando Collor de Mello, do Partido de Renovação Nacional (PRN). Ele informou que é muito forte no interior a pressão de vereadores, prefeitos e dirigentes municipais do partido para que o diretório estadual tome posição no mesmo sentido.

Mas o ex-deputado Nelson Marchezan — líder do governo e depois presidente da Câmara Federal na



Nelson Marchezan

gestão do general João Figueiredo — disse que a “rejeição ao nome de Maluf é praticamente unânime”, e que há também manifestações de apoio ao ex-governador Leonel Brizola do PDT (partido em que ele, Marchezan, numa coligação, concorreu a vice-governador do estado em 1986). “E também há companheiros dispostos a apoiar Jânio Quadros”, informou.

A tendência mais forte, porém, pelo que constatou Ramos, é em favor de Collor. “Na verdade, disse ele, “as bases do partido e os eleitores em geral se voltaram para qualquer candidato de centro que se destacasse, independentemente de

partido.” Isso se deve, na sua opinião, “à falta de seriedade com que as pessoas estão fazendo política hoje no País”.

Ramos diz que nenhum partido se preocupou com a crítica situação do País, que faltou patriotismo para se escolher candidatos visando o futuro da nação. “Cada partido tratou de resolver seus problemas internos e houve gente que criou um partido para ser candidato.”

O presidente do PDS gaúcho diz reconhecer que seu partido hoje “não tem força para fazer um presidente da República”. Mas observou que o partido no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina é ainda muito forte. No Rio Grande do Sul, o PDS mantém um terço das prefeituras, um terço dos vereadores e diretórios estruturados em todos os municípios.

Marchezan disse que na reunião do diretório na segunda-feira não deve ocorrer nenhuma definição de apoio a qualquer candidato mas apenas de rejeição a Maluf — “embora respeitemos aqueles que quiserem votar nele”. “Primeiro vamos nos descaçar, depois veremos o que fazer”, afirmou ele, defendendo como medida

imediate uma ampla consulta às bases em todo o estado.

A dissidência é certa, segundo Marchezan, ao apontar que dos oito deputados estaduais do PDS, seis são totalmente contra Maluf, um está em dúvida e apenas um o apóia (Jarbas Lima). Dos cinco federais, nenhum está com o candidato oficial do partido. Unanimidade que também se verifica na executiva estadual.

“Depois dessa tempestade inesperada que desabou sobre nossas cabeças, é necessário ser prudente. Precisamos lutar pela união do partido no estado. Há um contingente expressivo de jovens forçando para o lado de Collor de Mello, mas antes de decidir apoiar qualquer candidatura é indispensável ouvir todas as bases”, prega Marchezan.

Líder expressivo do PDS gaúcho, Marchezan não descarta a possibilidade de partir para outra legenda, “se Maluf jogar seu peso para estralhar o PDS”, o que, aliás, está sendo analisado pelo candidato derrotado na convenção, o ex-governador de Santa Catarina e atual prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin, que estaria disposto a apoiar Collor de Mello.